

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

Mariana Domingues¹

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**; tradução Christina Baum. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

"Sejamos todos feministas", é um livro que tem como origem uma palestra da autora, Chimamanda Adichie, onde a mesma fala sobre feminismo. Adichie, exemplifica suas posições com ações e comportamentos comuns na sociedade. A autora fala especificamente da realidade africana, mas exemplifica casos que teve acesso também com amigas norte-americanas. Apesar de falarmos de lugares diferentes e distantes as situações criadas pelo machismo cabem também à realidade brasileira, sendo importante ressaltar o caráter mais global que Chimamanda dá à sua obra para tratar as questões de gênero. Para construir o conteúdo aqui trabalhado, Adichie, descreve situações vividas por ela e por conhecidas e faz críticas diretas ao tipo de educação que é comumente recebida pelas crianças que serve para a manutenção da desigualdade de gêneros nas relações humanas.

Chimamanda Adichie, inicia o livro tecendo uma crítica aos estereótipos, onde afirma que os "estereótipos limitam e formatam nosso pensamento" (ADICHIE, 2015, p. 7) e ainda direciona a crítica aos estereótipos em relação à palavra "feminista": "Tenho a impressão de que a palavra "feminista", como a própria ideia de feminismo, também é limitada por estereótipos." (ADICHIE, 2015, p. 8).

A autora aborda de forma crítica o sentimento negativo, criado através dos estereótipos, que é dado ao feminismo como quando se defende que feministas odeiam os homens e não são femininas, chegando até mesmo a serem pessoas ruins. Esse tipo de descrição enraizada no senso comum, serve apenas para fortalecer estruturas opressoras de gênero, fazendo com que mulheres não percebam as relações e situações machistas em que são expostas.

Adichie, prossegue o livro retomando uma memória de infância, de quando era uma menina de apenas nove anos de idade e estava na escola primária, e que no início do

¹ Possui graduação em Ciências Sociais, nas modalidades de Licenciatura Plena e Bacharelado com área de concentração em Sociologia, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP).

ano letivo sua professora aplicou uma prova com a finalidade de escolher o monitor da classe. Ser monitor, para Adichie, era possuir poder dentre seus pares na classe e isso lhe interessava, pois o monitor tinha a função de ajudar a manter a ordem na sala de aula anotando os nomes dos alunos bagunceiros e podendo andar com uma vara na sala - não podia usar a vara para agredir ninguém, era apenas um objeto simbólico que significava autoridade. Para se tornar monitor, era necessário tirar a nota mais alta da classe na prova. Então a autora conseguiu tirar a nota mais alta, mas não pode se tornar a monitora da sala, pois para ser monitor, era também necessário ser um menino. A autora alega que a professora esqueceu de esclarecer esse detalhe, pois provavelmente "achou que fosse óbvio" (ADICHIE, 2015, p. 16). O menino que tirou a segunda maior nota, ficando atrás apenas da nota de Chimamanda, ganhou a monitoria, promovendo assim a primeira discriminação de gênero vivenciada pela autora.

A autora esclarece o que representa esse tipo de acontecimento:

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar "normal" que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2015, p. 16-17).

Logo em seguida a autora argumenta como as realidades de homens e mulheres são diferentes e por isso há dificuldades de compreensão em relação às reivindicações do outro. Ela explica essa argumentação quando fala do espaço da mulher na atualidade. Para muitas pessoas, não é mais real que a mulher sofre discriminação de gênero, pois agora a mulher pode estudar, trabalhar e fazer escolhas pessoais e profissionais baseadas em suas vontades. O que não é considerado por essas pessoas é que, de forma até mesmo inconsciente, as mulheres são submetidas à determinada socialização e julgamentos por serem mulheres. Existe com força no pensamento comum de que existem profissões femininas e profissões masculinas, assim como comportamentos adequados para mulheres "decentes" e para as que não são "decentes" de acordo com a moralidade predominante. Além da capacidade e racionalidade serem aspectos relativados em relação à condição de mulher.

Chimamanda, ressalta que os seres humanos sempre viveram em um mundo onde a força física era o essencial para se ter o poder:

[...] quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um

homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar. (ADICHIE, 2015, p. 21).

A educação que muitas mulheres ainda recebem faz com que elas possam se prejudicar de alguma forma em vários momentos da vida como no trabalho, no casamento, nas amizades. Pois geralmente as mulheres são educadas para agradar mesmo que isso signifique se anular de alguma forma.

No ambiente de trabalho uma mulher, por exemplo, em um cargo de gerência pode ser entendida de forma diferente que um homem no mesmo cargo, apenas pelo fato de ser do sexo feminino. Um homem pode ser visto como um sujeito rígoroso, agressivo e competente. Já uma mulher na mesma posição e que se comporte da mesma forma que um homem pode ser chamada de "difícil". É comum que acreditem que uma mulher levaria "um toque feminino ao ambiente de trabalho" (ADICHIE, 2015, p. 25), ou seja, o motivo pelo qual o homem no mesmo cargo recebe elogios pode ser o motivo pelo qual a mulher seja criticada.

Adichie, ressalta que se impressiona pelo fato de mulheres se esforçarem para agradar, mesmo que isso inclua ser contrariada e se sentir inferiorizada. A autora critica o fato de se perder muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os outros pensam delas, sendo que, quando se trata da educação de meninos o mesmo não acontece.

A autora ainda compartilha outra experiência que ocorrera com ela, na área profissional, certa vez uma de suas alunas uma vez lhe disse que fora alertada por um amigo para não prestar atenção no "discurso feminista" de Chiamamanda, pois poderia absorver ideias que destruiriam seu casamento, a autora entendeu isso como uma ameaça, já que isso sempre ocorre com mulheres, pois as mesmas precisam saber se comportar e agradar para poder casar e manter o casamento e nunca ocorre o mesmo com os homens.

Chimamanda afirma que a questão de gêneros é importante, que é necessário planejar um mundo mais justo, um mundo em que homens e mulheres sejam felizes e autênticos com eles mesmos. E que se deve iniciar educando as crianças de maneira diferente.

O modo como criamos nossos filhos homens é nocivo: nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a masculinidade que existe nos meninos, enclausurando-os em uma jaula pequena e resistente. Ensinaos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser como se diz na Nigéria, *homens duros*.

[...]

Mas o pior é que, quando os pressionamos a agir como durões, nós os deixamos com o ego muito frágil. Quanto mais duro um homem acha que deve ser, mais fraco será seu ego. E criamos as meninas de uma maneira bastante perniciosa, porque as ensinamos a cuidar do ego frágil do sexo masculino. Ensinaos as

meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo-lhes: "Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é a provedora da família, finja que não é, sobretudo em público. Senão você estará esmaculando o homem". (ADICHIE, 2015, p. 29-30-31).

A autora ainda questiona o porquê de ensinarem as meninas a super valorizar o casamento, mas não fazerem o mesmo com os meninos. Relata que conhece uma nigeriana que vendeu sua casa para não intimidar o homem que pudesse ter interesse em se casar com ela. Ainda fala de uma outra mulher também solteira, "que em congressos usa uma aliança de casamento porque quer ser "respeitada" pelos colegas" (ADICHIE, 2015, p. 32), Adichie afirma que, segundo essa conhecida, o fato de ser solteira a torna desprezível, daí a importância do anel. A autora lamenta que isso ocorra em um ambiente de trabalho. Adichie, também critica o julgamento social que existe em torno de mulheres que atingem certa idade sem se casar e passam a serem vistas como fracassadas, enquanto o homem na mesma situação é enxergado como o ocupado que "não teve tempo de fazer sua escolha" (ADICHIE, 2015, p. 33).

A partir daqui, a reflexão da autora se volta para à crítica social, à socialização existente nas relações humanas com base no gênero das pessoas.

Somos seres sociais, afinal das contas, e internalizamos as ideias através da socialização. Até mesmo a linguagem que empregamos dentro do casamento é reveladora: frequentemente é uma linguagem de posse, não de parceria. Pensamos na palavra "respeito" como um sentimento que a mulher deve ao homem, mas raramente o inverso. (ADICHIE, 2015, p. 33).

Adichie, reflete sobre o fato de no casamento, de haver a justificativa de se fazer algo para o bem do mesmo, mas que essa justificativa é sempre em contextos determinados para homens e mulheres. Os homens geralmente usam essa justificativa para "se referirem a algo que eles não deveriam mesmo fazer. É como eles se justificam para os amigos, e no fim das contas isso serve para comprovar a sua masculinidade" (ADICHIE, 2015. p. 33-34). Já as mulheres usam essa justificativa, geralmente, porque elas desistem de algo como emprego ou algum outro sonho.

A autora alega que é ensinado que, nos relacionamentos, é a mulher que deve abrir mão das coisas. Que a criação das filhas é para enxergar as outras mulheres como rivais da atenção masculina. Que existe uma repressão sexual em relação às mulheres, que não existe em relação aos homens, elas são ensinadas que "não podem agir como seres sexuais, do modo como agem os meninos" (ADICHIE, 2015, p. 34). Existe toda uma supervisão repressora em torno da sexualidade feminina enquanto não se faz o mesmo com a sexualidade masculina, como se fosse errado, impuro meninas sentirem vontades e se relacionarem, a autora exemplifica isso com a exaltação que se dá em relação à

virgindade feminina, sendo que o mesmo não acontece em relação à virgindade masculina.

Adichie, também aborda o fato de em casos de violência sexual existir a culpabilização da vítima. Ela exemplifica, ao reproduzir uma situação, dizendo: "Sim, estuprar é errado, mas o que ela estava fazendo em um quarto com quatro homens?" (ADICHIE, 2015, p. 35). Esse raciocínio mostra um problema estrutural de que mulheres são culpadas, enquanto muitas vezes o homem pode usar a justificativa de "homem é assim mesmo". A autora afirma que ensinam às meninas a sentirem vergonha apenas por nascerem meninas.

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. "Fecha as pernas, olha o decote". Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina; elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externalizar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (ADICHIE, 2015, p. 36).

Adichie, é categórica ao afirmar que, "o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos" (ADICHIE, 2015, p. 36). A autora ainda faz a seguinte provocação: "E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gêneros?" (ADICHIE, 2015, p. 38).

A autora, também trabalha a questão do fato de mulheres serem mais cobradas em relação à aparência. Ela compartilha sua experiência de quando foi dar sua primeira aula em um curso de pós graduação e a única preocupação que tinha era da roupa que usaria. Segundo Adichie, ela estava preparada para ministrar a aula, mas estava com receio de não ser levada a sério devido à roupa que estaria usando. "Queria passar batom e usar uma saia bem feminina, mas desisti da ideia. Escolhi um terninho careta, bem masculino e feio" (ADICHIE, 2015, p. 40).

Chimamanda, critica o fato da valorização da capacidade, e até mesmo a oportunidade de ser ouvida de uma mulher ter influência da sua aparência, da roupa que ela vista. Enquanto que para o homem não existe essa exigência, e isso se deve aos estereótipos de gênero.

Não é fácil conversar sobre a questão de gênero. As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas. Nem homens nem mulheres gostam de falar sobre o assunto, contornam rapidamente o problema. Porque a ideia de mudar o *status quo* é sempre penosa. (ADICHIE, 2015, p. 42).

A autora, também explica de forma detalhada a importância que a palavra "feminismo" tem para ela. Feminismo é sobre a especificidade do problema de gênero. Para Adichie, trocar a palavra "feminismo" por uma palavra mais genérica como "direitos humanos" por exemplo significaria:

[...] fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. (ADICHIE, 2015, p. 43).

Sobre o fato de alguns homens se sentirem ameaçados pelo feminismo, a autora acredita que isso existe porque eles possuem insegurança, talvez com a autoestima diminuída por não conseguirem mais dominar como foram educados para fazer. Chimamanda, ainda ressalta que a questão de gênero é importante para os homens, mesmo que muitos se recusem a pensar nela, pois como dito anteriormente, a questão de gênero incomoda.

Adichie, também destaca que classe e gênero são coisas diferentes, pois um homem pobre ainda tem os privilégios de ser homem, mesmo que não tenha o privilégio da riqueza (ADICHIE, 2015, p. 45). E ela ainda ressalta a questão da cultura na vida das pessoas, que apregoa que "mulheres são subordinadas aos homens porque isso faz parte da nossa cultura" (ADICHIE, 2015, p. 47). Chimamanda argumenta que a cultura está sempre em transformação, por isso esse argumento não é válido, e que são as pessoas que fazem a cultura, logo a mesma precisa se adaptar para o bem comum, abrangendo as necessidades de todos da melhor forma possível.

Adichie, finaliza seu livro definindo o que é feminismo para ela: "A meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: "Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar". Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar." (ADICHIE, 2015, p. 50).

Portanto, para a autora, a forma que as crianças são educadas e socializadas com base nos estereótipos de gênero, perpetua a desigualdade em suas relações, onde os papéis sociais de gêneros padronizam os comportamentos que devem ser aceitos ou não na sociedade, mantendo assim, uma situação maior de discriminação e opressão para as mulheres e de desumanização das emoções dos homens. E apenas a mudança na educação das crianças, onde seja excluídos os estereótipos de gêneros e consequentemente a forma de socialização hoje existente, é capaz de mudar essa realidade, promovendo maior humanização e equidade entre meninas e meninos, mulheres e homens, que poderão ter valorizados e reconhecidos suas capacidades e vontades sem julgamentos sociais promovidos pelo *status quo*.

O livro, por se tratar de uma palestra, não possui argumentação teórica profunda, mas trabalha de forma direta com os comportamentos comuns entre as pessoas, mulheres

e homens, em suas relações na sociedade. É uma contribuição importante por abordar e problematizar de forma simplificada e direta os comportamentos que são naturalizados pela sociedade e que, ao mesmo tempo, são responsáveis por perpetuar as desigualdades de gênero. E ainda deixa claro que não há como se promover qualquer mudança estrutural nas relações humanas sem passar pela área da educação, defende ser necessário uma reestruturação na educação, para que a mesma seja mais humana e emancipadora, e, dessa forma, haja formas diferentes de socialização para que se possa alterar a sociabilidade existente, que gere uma consciência real e efetiva da necessidade de se respeitar o outrem, suas características individuais e vontades, sem as imposições sociais convencionais.